

Economista diz que dívida interna ainda não prejudica

Pública

por Paulo Ludmer
de São Paulo

Não é certo que a dívida pública interna teria atingido um nível pernicioso ao bom funcionamento da economia brasileira, segundo o professor de Economia da USP, Ruben Almonacid. Comparativamente, ele mostra que a relação da dívida com o PIB brasileiro não apresenta comportamento desfavorável em relação a vários países. Mais ainda: quando os números da dívida do Brasil são depurados, para eliminar os juros das Letras do Tesouro Nacional (LTN) não vencidos, e também o saldo da dívida em poder de entidades do próprio governo, o País apresenta a menor relação dívida/PIB, num quadro internacional escolhido.

Almonacid explica que a elasticidade — renda da dívida — ou seja, quanto ela cresce para cada 1% de aumento no PIB — vem caindo desde 1975. A elasticidade era de 2,04, naquele ano; de 1,05 em 1976; de 1,08, em 1977; e de 0,99, em 1978.

É claro que, não obstante isto, diz ele, cresceu a relação entre a dívida pública na renda do País: ela era de 0,65%, em 1965; de 4,85%, em 1970; e, de 10,19%, em 1978. Porém, a seu ver, o crescimento desta dívida nos últimos 14 anos não justifica as críticas que se fazem, especialmente nos últimos três anos, mesmo porque "o governo gasta no máximo 3% de suas receitas com estes juros", o que não lhe parece "exagerado".

DÍVIDA E PIB

Pelos dados da tabela, vê-se que a relação dívida pública/PIB no Brasil não chegou aos limites "viáveis" nos demais. Para o professor da

Relação entre Dívida Pública e PIB			
	75	76	77
EUA	28,80	30,05	30,15
Venezuela	8,42	14,60	21,16
Canadá	22,12	21,20	22,89
Alemanha Oc.	10,52	11,41	12,53
Irlanda	75,77	81,79	78,79
Itália	57,89	56,53	60,02
Coréia	7,65	7,65	7,34
Suécia	25,56	24,92	27,93
Média	29,59	31,02	32,60
Brasil*	9,66	9,86	10,22

* Dados tomados em fins de junho de cada ano

Fonte: IFS — FMI e Ruben Almonacid

USP, a Coréia apresentou relação inferior à do Brasil, mas ele explica que esse país cresceu rapidamente e sua renda per capita é inferior à brasileira.

Observa-se também, por sua interpretação, que os países em desenvolvimento tendem a uma relação menor do que os desenvolvidos, sendo a Alemanha Ocidental uma exceção apenas aparente à regra, pois o problema da dívida pública naquele país é muito específico, diante da distorção ocorrida durante o período nazista. Almonacid crê também que a magnitude da participação "independe do grau de planificação ou da intervenção do Estado na economia, pois a Suécia, altamente planificada, apresenta relação dívida/PIB bastante próxima a dos Estados Unidos (perto de 30%), enquanto a Itália revela uma taxa duas vezes maior (60%)".

Outro argumento deste economista é que a relação do Brasil está superestimada. Isto é, que grande parte da dívida contraída pelo governo está em mãos do Banco Central, BNDE, BNH, Caixas Econômicas e órgãos da ad-

ministração indireta. Em consequência, a sua proposta é saber qual é a dívida para o setor privado, em que medida ela se resume se em um problema contábil, e qual é o portfólio das empresas estatais e das autarquias.

A importância disto é que para saldar a dívida com o setor privado, o governo teria de lançar mão de impostos e outras formas de arrecadar recursos, uma vez que com o

setor estatal há a opção de um jogo contábil.

Sobretudo, também, o saldo das LTN em circulação, hoje, é 12% inferior ao normalmente utilizado, justifica Almonacid, deduzidos os juros não vencidos. Nesse caso, contudo, a dívida do governo junto ao setor privado seria bem maior, passando de 46,6% para 61% do total, em 1978, excluídos os depósitos voluntários e compulsórios, em títulos federais, dos bancos federais e estaduais, mais os que formam as carteiras do Banco do Brasil, Banco Central (BC), Bancos Estaduais de Desenvolvimento, BNDE, BNH, Caixas Econômicas e entidades públicas não financeiras custodiadas no BC. Estes dados reduzem a relação dívida/PIB para 4,0%; 4,3%; e 4,8%, em 76, 77 e 78, conclui ele.

O problema da grande concentração da dívida no curto prazo, nesta análise, contudo, não foi considerado por Almonacid embora esta seja, ultimamente, a questão central.